

José Leite de Vasconcelos na História e na Lenda

ORLANDO RIBEIRO†*

RESUMO

Em 1984, Orlando Ribeiro, que foi discípulo de Leite de Vasconcelos durante os últimos doze anos da sua vida, e um dos seus mais activos testamentários, quis evocar, mais uma vez, a figura de quem reverenciou como Mestre e amou como filho. Mostrou que o patrono da *Revista Lusitana* estava tão identificado com as suas obras que, além de uma das mais fulgurantes representações da nossa Ciência, ele foi também uma figura etnográfica, situada entre a História e a Lenda.

Depois de evocar vários episódios saborosos, que permitem entender melhor uma personalidade ímpar, ele levantou o problema das melhores maneiras de manter viva a sua memória. Lamentando que o *Museu* que criou em Belém não tivesse mantido a ampla finalidade desejada pelo fundador, evocou os três “monumentos” que gostaria de lhe ver erguidos: um de tosco granito da sua terra, colocado em frente da Reitoria da Universidade de Lisboa, e dois de papel – um *Vade mecum* das suas melhores páginas científicas e um álbum sobre a sua *Vida e Obra*, que seja acessível tanto às crianças como ao povo de letras grossas.

Palavras-chave: José Leite de Vasconcelos – Biografia

* Artigo escrito em 1984, durante umas férias em França. O autor retocou e completou a seguir o texto dactilografado. Estas duas versões conservam-se no “Espólio Científico de Orlando Ribeiro”, depositado no *Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea* da Biblioteca Nacional de Portugal. A última revisão do texto é da responsabilidade de Suzanne Daveau (Novembro de 2007) [SD].

ABSTRACT

In 1984, Orlando Ribeiro, who was a Leite de Vasconcelos' disciple during the last twelve years of his life and one of the most active executors of his will, wanted to evoke once more the figure he respected as a Master and loved as a son. He showed that the patron of Revista Lusitana (Lusitanian Journal) had been so involved in his work that, besides being one of the brightest representatives of our science, he has also been an ethnographic character between History and Legend.

After having evoked several witty episodes that allow understanding better a unique personality, he raised the subject of the best ways of keeping his memory alive. Regretting that the Museum created in Belém did not manage to maintain the wide aim his founder had desired, he remembered the three "monuments" he would like to be raised to him: one in coarse granite from his homeland, which should be placed in front of the University of Lisbon's Governance Building, and two in paper - a Vade mecum (handbook) with his best scientific pages and an album about his Life and Work, which should be accessible both to children and to uneducated people.

Keywords: José Leite de Vasconcelos – Biography

I

Cada vez me apetece mais contar peripécias saborosas do patrono da *Revista Lusitana*, que fui dos últimos a reverenciar como Mestre e a amar como filho. Do muito que escrevi do Mestre, ainda alguma coisa ficou por dizer neste desfiar de memórias que é dos poucos prazeres e reconfortos da velhice. O título indica a intenção deste artigo, em que procuro mostrar Leite de Vasconcelos tão identificado com as suas obras que ele próprio, além de uma das mais fulgurantes representações da nossa Cultura, foi também uma figura *etnográfica*, que se situa entre a História e a Lenda.

Na juventude, ele já tinha descoberto a dialectologia portuguesa e até lançado uma hipótese ousada sobre a filiação directa do Mirandês no Latim (o que, aliás, ainda tem que se lhe diga), quando publicou as primícias sobre crioulos, que mandou ao mestre e impulsor destes estudos, Hugo Schuchardt. Este, que vivia jubilado na cidade austríaca de Graz, animou o jovem filólogo português a visitá-lo, pedindo-lhe um retrato para o reconhecer à descida do comboio. Leite não o tinha à mão, mas descreveu-se-lhe poeticamente:

Estatua mediana e para consolo
Do minguado cabelo barba inteira,
Escrepada em anéis num negro rolo
Como silvestre matagal da Beira*

Com esta nota: * “Diz-se da Beira por ser a província donde o autor é natural”. Resposta de Schuchardt: “Não ponha mais na carta, que não me escapa com certeza!” Adivinha-se, e explicita-se na nota, como foram cordiais, afectuosos e cheios de autêntica sabedoria os dias que passaram na acolhedora casa do velho Mestre, a

quem não foi indiferente a reverência de um jovem e já famoso colega português.

Com o tempo, a imagem de Leite foi tomando um feitio estranho, quase pitoresco. Indiferente à moda, trajava ao gosto antigo e com indiferença que chegava ao desleixo. Se não usou chapéu de coco, não amolgava o feltro para não ganhar vincos e durar mais. “Grave e antigo como um deus lusitano” (disse-o algures) – o “minguado cabelo” fora-se por completo, ficou calvo (engalinhava que lhe chamassem careca) e usava a “barba intonsa” e mal cuidada, que apenas duas vezes por ano ia aparar ao barbeiro.

Leite era tão fidalgo como pobre. O pai mal ganhava “para alguma decência” e a grande preocupação do filho foi poder ir-se deste mundo deixando na miséria o ser entre todos amado e reverenciado: a Mãe. Por isso, nos anos da adolescência e juventude, trabalhava quanto podia e aferrolhava umas migalhas. Como costumava sair sempre nas férias escolares “para investigar”, a primeira saída foi no Entrudo, no Presbitério de Vila Cova, onde tinha um primo abade (com este ingénuo escrito de 1878-79 abriu os *Ensaíos Etnográficos*, 4 vols., 1891-1910). Algum amigo ou condiscípulo benemerente notou que ele se quedou uma vez pelo Porto... porque não tinha juntado o bastante para poder sair. “De quanto precisava?” perguntaram-lhe, na intenção de ajudá-lo. Disse uma quantia irrisória: comprava uma broa, umas cebolas cruas, pedia abrigo num palheiro e, às vezes, ao acaso da colheita etnográfico-linguística, vinha o verdasco da hospitalidade minhota. História ou lenda, pouco importa. Era já o jovem, respeitado ou escarnecido, que sonhava com a “história da boa Terra Lusitana, particularmente no seu aspecto etnográfico, arqueológico e linguístico”. Ai, pobres órgãos de investigação científica, em que mãos ávidas às vezes vão cair as tuas mínimas necessidades... e como se começa por pedir dinheiro antes de mostrar que se sabe gastá-lo com parcimónia e com proveito para a Ciência!

Grande viajante, Leite foi também narrador singelo, evocativo e às vezes comovente, das suas andanças. Depois da descoberta do Mirandês, tantas vezes citada, numa modesta *república* de Cedofeita, onde um condiscípulo lhe revelou a sua fala do lar, da rua e do trabalho, e os companheiros, que estavam tocando guitarra no quarto próximo, silenciaram os instrumentos, cedendo ao encanto de uma língua nova, “que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno”. Debaxo da calma insuportável das abafadas barreiras do Sabor, José Leite, que nunca apreciou o cavalo, via como inatingível o lugar onde havia de passar a noite. A irmã do abade a que ia recomendado já lhe deu as boas vindas... em “mirandez”. Graças ao condiscípulo Branco de Castro, “meu Espírito Santo Mirandês”, toda a gente acolheu com simpatia “aquele estudante que vem aprender a nossa llengua”.

Ao gosto inveterado das viagens (foi descobrir Barrancos e o Barranquenho aos 83 anos, poucos meses antes do falecimento!) e às suas singelas evocações

deve a nossa literatura científica a admirável colectânea *De Terra em Terra* – livro ímpar tanto na erudição como no singelo encanto com que tudo é narrado e interpretado (2 vols., 1927).

Já que o meu Reitor R. M. Rosado Fernandes, a isso aludiu, no generoso e brilhante prefácio do meu livro jubilar (1984-88, vol. I, p. 15)¹, vou voltar a narrar um episódio da vida íntima do Mestre, que tinha contado na celebração do seu centenário, para amenizar a soturna solenidade e porque gosto de divertir-me em actos solenes. De manhã, cerrava-se a todo o convívio perturbador. De tarde, aceitava ou antes consentia que viessem trabalhar na sua livraria e nas notas que lhe ajudavam a aproveitar, alguns privilegiados discípulos. No seu passinho miúdo, ia de mesa em mesa, aqui trabalhando, ali vigiando discretamente a tarefa que distribuía a um colaborador de boa vontade. Às vezes sumia-se e demorava mais do que o costume. Reaparecia-nos com o ar feliz de quem acaba de fazer uma descoberta. E foi: disse-me um dia: “Gosto muito de urinar, quando urino encontro quase sempre uma etimologia”. Por exemplo, Vidago, de *Habitaculum*, havendo também Avidagos, com a mesma origem e mais esclarecedora por não ter perdido a sílaba inicial; Vitaculum deu Vidago como, do latim eclesiástico se fez Arcediago de Archidiaculum. Foi aquele momento criador, que me aprouve recordar com uma ponta de ironia na celebração solene de um centenário, que deve ser a ressurreição de um morto eminente e não um soturno acumular de expressões de triste vulgaridade. Sei que fui censurado, o que nada me preocupou, pois gostei sempre de ir direito ao fim, falando “alto e bom som” às autoridades, pois até perante os nossos reis os homens do recto sentir e pensar eram “muy despejados em cousas de linguagem”. O que quis mostrar foi como, nem nos momentos em que o homem cede à sua condição fisiológica, o espírito se desprende de ideias que o ocupam e preocupam. Afinal, no momento que memorei, cumpriu-se o preceito leiteano de cada dia aprender qualquer coisa, ensinar outra, e fazer algum bem: por exemplo, por uma noite frígida de inverno, recomendar à mãe da minha filha mais velha que botasse uma botija quente na cama.

II

Leite era implacável com o que chamou “Erros de Linguagem de Uso Quotidiano”, nas *Lições de Filologia Portuguesa* (1911). Conta-se que, uma vez, foi comprar meias e o caixeiro, solícito, lhe perguntou: “*em algodão* ou *em lã*?” (em

¹ FERNANDES, R. M. Rosado (1984-88) – Prefácio. In *Livro de Homenagem a ORLANDO RIBEIRO*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. 2 vol.

vez de *de*). Resposta pronta do cliente, que saiu porta fora: “Vou a uma loja onde se fale português”. Verdade ou lenda, quem o dirá entre outras pitorescas extravagâncias do Mestre !

De um professor propenso a contar histórias ouvi que algum colega, no auge de discussão bravia, lhe disse: “Quem não se sente não é filho de boa gente!” Leite puxou da carteira, anotou o anexim e perguntou, com a maior seriedade, onde e quando o tinha ouvido e se era geral na terra, o que logo desarmou o contendor, acabando em riso o que podia ter levado a uma zanga. Afeito à linguagem desbragada de uma parte do povo, nunca empregava formas cruas. Como José Joaquim das Neves que lhe dizia, perplexo a propósito de qualquer dificuldade filológica que os preocupava: “Mas que fez você ao filho da puta do ditongo?” Ou José Maria Rodrigues, respondendo à pergunta – “Que nome dão na tua terra aos enjeitados?” – “Ora, que nome lhe hão-de dar: filhos da puta”. José Leite não aprovava nem praticava linguagem desbragada. Ele não tratava quase ninguém por tu, à excepção de algum colega, muito menos por você, mas dava-me um primeiro nome carinhoso e referia-se a mim usando quase sempre o meu título universitário.

Foi um prazer para mim, numa viagem a Trás-os-Montes, onde se deslocou para estudos de Dialectologia na região de Bragança, ouvi-lo, a ele e ao Abade de Baçal, que tanto se estimavam e respeitavam, tratarem-se por *Vós*, à genuína maneira transmontana, só falando de cousas (e não *coisas*) graves e sérias. Uma noite, Leite foi admitido comigo na cerimónia da sinagoga, introduzido por amigos “de nação”, pois o Capitão Barros Basto, que se circuncidou e procurou que se abrissem uns tantos lugares de culto, mandou vir um rabino da Terra Santa, que logo fez amizade com o Abade de Baçal, com grande escândalo do clero e talvez até do Bispo. Além de espírito do seu natural tolerante e curioso, andava preparando um volume sobre judeus no imenso repositório das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*.

III

Que papel teve o amor neste homem amorável, que manteve o culto da parentela e mandou vir o Pedrinho, como carinhosamente lhe chamava, seu primo e afilhado, que estudou à custa dele, ajudando-o e fazendo-lhe companhia? O Pedrinho saiu ralaço e amalandrado. Nas férias do Natal os pais não dispensaram a presença dele junto de si e dos irmãos, deixando só o pobre velho. Corajoso, mandou-lhes um telegrama cominatório: “Pedro se vai não volta”. E não voltou, pois não lhe revelava afecto ou sequer paciência e boas maneiras. Quem mais lhe frequentava a casa era a prima Sancha, tão velha como ele e com este nome medieval

que tão bem soava aos apelidos comuns. No dia de anos juntava alguns discípulos – que foram rareando à medida que se encontravam servidos - o “primo triste”, como lhe chamava, a prima um tanto espalhafatosa e as filhas, vivas e agradáveis. Com uma delas, falando do Mestre e da sua dificuldade em acompanhar “o desconcerto do mundo”, fumámos um cigarrinho às escondidas, que nos soube muito bem. Havia ainda o Miro (Teodomiro?) e uma irmã loura, bonita e afectuosa.

Mas Leite cultivava outras amizades. Um domingo à tarde pediu-me para visitar com ele certa família da Amadora, onde havia uma moça de que gabou muito as graças. Mas quando ela, certamente desvanecida, lhe disse que havia de o ir visitar também, entrou em pânico, não fosse perder as suas horas de estudo e disse, estranhamente, que andava sempre por fora de casa... Outra vez fomos a uma audição de discípulos de uma pianista. Sem ser insensível à música e ao profundo conhecimento que a professora tinha da língua alemã, olhou-me de soslaio e lembrou que, afinal, podíamos ter ficado em casa aproveitando melhor o tempo... num domingo à tarde!

Amor da Ciência, mas quase inhumano e levado a um paroxismo que a nenhum discípulo procurou impor. Viu com gosto que constituí família, sem que isso me desviasse dos nossos estudos e, sobretudo, do grato convívio que nos proporcionavam. Referi-me um dia a Juvenal Esteves, o eminente dermatólogo a que me ligam sessenta anos de convívio espiritual que nos enriquecem: “É o meu melhor amigo”. Marejaram-se-lhe os olhos, a mim também, quando me disse, com voz trémula, que supunha que o meu melhor amigo fosse ele. Separados por mais de uma geração, foram de facto os melhores amigos que o destino me destinou.

Custava-lhe falar de um episódio doloroso da vida, o falecimento da noiva e prima a quem, segundo os usos fidalgos, estaria destinado. Pela correspondência com Martins Sarmento, que reverenciou como mestre e respeitou como amigo mais velho, tão valiosa cientificamente, mas onde não se excluem notas pessoais², refere um projecto matrimonial que se gorou – com alívio para Leite que recobrou todos os vagares para dedicar-se inteiramente aos estudos da sua predilecção.

No fim da vida sofreu com o isolamento e às vezes dizia que devia ter casado só para que a mulher lhe tomasse conta das chaves. As moças inteligentes e instruídas atraíam-no, imaginando talvez um destino aprazível com uma mulher de estudos. Numa excursão da Sociedade de Ciências Naturais, de que era sócio,

² O epistolário de Leite poder-se-á completar, qualquer dia, com a parte do célebre arqueólogo de Guimarães. Compreende-se que quem tem manuseado o espólio leiteano dê prioridade absoluta às obras científicas. As suas cartas, nem sempre bem arrumadas, constituem um poço sem fundo! [OR, 1984].

A correspondência pertencente ao MNA, encontra-se já organizada e publicado o seu inventário no *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1999. (Suplemento a *O Arqueólogo Português*; 1). [SD].

surpreendeu-o agradavelmente, tanto a cultura como a linguagem das alunas de Ruy Telles Palhinha – excelente naturalista com cultura humanística e a preocupação de utilizar e difundir uma expressão corrente e genuinamente portuguesa. “Como são diferentes estas meninas das do meu tempo!”, confidenciou-me.

No mundo internacional das Ciências, pela identidade de apelidos e mais ainda por estudos em grande parte comuns e do mesmo nível, passava geralmente por marido de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, casada com um arqueólogo muito distinto da Idade Média. Deste professor de uma escola de meninas nunca correu a notícia de qualquer devaneio. No fim da vida aproximaram-se dele discípulas que já não foram suas alunas, quatro das quais trabalharam no ordenamento e publicação do seu espólio. Naturalmente grave e reservado, José Leite não atraía as moças, que só começaram a predominar nos últimos anos do seu ensino. Pelo contrário, Leite de Vasconcelos deu-se sem reservas ao gosto dos animais, como se dirá a seguir.

IV

Leite de Vasconcelos quando, em menino, ia aos estudos a São João de Tarouca, já tinha como finalidade “ser um escritor público”. A poesia nasceu nele a par com a Ciência e com ela profundamente entrelaçada. *Baladas do Ocidente* trata, ao gosto romântico tardio da época, muitos dos temas arqueológicos das *Religiões da Lusitânia*, certamente a mais célebre e mais elaborada das suas obras. E, no entanto, nenhum rasto se encontra das suas primazias poéticas; talvez tenha iniciado a vida de escritor por um romance que, do Porto para onde viera aos 17 anos e meio estudar e tomar conta de meninos de um colégio onde, em breve, seria também professor, remetia aos pais interessados no enredo e desconsolados quando, por afazeres mais da sua predileção, deixou de remeter-lhes a sequência. Não foi encontrado no seu espólio, o que permite pensar que o destruiu ou, pelo menos, não o pôs entre os papéis mais recatados. Pelo contrário achou-se *O livro da minha vida*, manuscrito em boa caligrafia, que o autor muito cedo perdeu. Não teve continuação e foi redigida provavelmente pela mesma época do romance, pois pouco vai além da infância. Manuel Viegas Guerreiro aproveitou-o nas excelentes “Notas para uma biografia do Doutor Leite de Vasconcelos”, que leu na sessão solene e estão recolhidas no *Livro do Centenário* (1960).

Costa Cabral, insuperável professor de Geografia no meu último ano do liceu, fora no colégio aluno de Leite, por quem tinha o maior respeito, propiciando-lhe, enquanto foi director geral do ensino secundário, a oportunidade de viajar, presidindo a júris do 7.º ano. Contou-me um dia ter pensado que Leite de Vasconcelos se quis immortalizar na sua obra poética, temendo a caducidade de um labor científico afinal feito para durar e perdurar e já posto à prova há mais

de um século. A sua poesia é dura, forçada, às vezes à sobreposse, feita de reminiscências e sem uma inspiração livre e alada. Mas será toda assim?

O auto-retrato da *Epístola a Hugo Schuchardt*, a que já me referi, a formosa *Ode heróica a Trebaruna*, que ele foi o primeiro a descobrir e celebrar, um quadrinho campestre num serão minhoto, à lareira onde dormita o gato e o moço namora à socapa a sua conversada, o desespero de um louco que vai bater à porta de um cemitério onde lhe haviam enterrado o pai, não deixam de constituir um feixe, apenas alusivo, donde se podia extrair nem melhor nem pior do que perdura nas antologias da época.

Como mostrou Manuel Viegas Guerreiro, que foi quem mais elementos reuniu, em conversas a desfazio, sobre a vida de Leite de Vasconcelos, o gato foi sempre animal da sua casa. Ao tratar dos nomes deles, nos *Opúsculos*, descreve-os como animais pequenos, dóceis, afeiçoados a quem os trata bem e procura explicar os nomes que mais commumente se lhes dão. Uns versos começam frouxamente:

São duas gatas toda a *domus mea*,
Não tenho nesta vida mais ninguém

Mas numa longa poesia *No Reno*, onde se encanta com os castelos e rochedos, a lenda de Lorelei, dá-lhe um baque o coração e termina bruscamente a evocação poética com as lembranças que, em casa, mais o atraíam:

Mas as minhas gatas?

No fim da vida afeiçoou-se muito a Dona Loba Azeviche da Manha, rainha das gatas e princesa de Campolide. Todo este nome tinha complicada explicação: Dona Loba, medieval, porque era alobatada no comer, Azeviche pela cor, da Manha, porque se lhe sentava no colo tocando rufo de satisfação. Um dia adoeceu e foi operada, o que nos causou grande tristeza e inquietação. Fui uns dias à aldeia onde passava todo o tempo que podia com a minha avó e, no regresso cruzou-se comigo um simples postal.

“Amº. Orlando

Dona Loba morreu. Peça-lhe que nunca me fale nela. J. Leite”.

Ficaram-lhe dois filhos, a Pinta, amarela e preta, e o Preto, que acabou em minha casa, porque, não sendo de ouro ou prata, nenhum herdeiro o quis. A Pinta foi também carinhosamente recolhida por uma empregada do Museu Etnológico, muito surda e bondosa, que apesar de ter uma licenciatura, o boçal director tratava grosseiramente, pior que uma criada.

E quando um dia um gatinho muito manso se afez ao quintal e moradia de Vale de Lobos, rufando de satisfação, e um neto me perguntou nomes mais comuns de gatos para ver se acertávamos com algum que porventura tivesse, procurei

nos *Opúsculos*, volume da *Onomatologia*, art.º “Nomes de gatos e cães”, alguns tirados das suas particularidades (Farrusco, Velhaca, etc.), e o bichano passou a ser *Rufo*, enchendo a casa da sua presença quase humana, trazendo a pouco e pouco as fêmeas e os filhos, sentando-se ao meu colo enquanto lia ou ouvia música, dormindo sonos até à hora de sair, porque era escrupulosamente limpo, acompanhando as minhas madrugadas de insónia, até que um dia um mau destino lhe deu sumiço; tão inteligente, tão meigo e, ao mesmo tempo, independente, enchia a casa de uma presença mágica, afectuosa e propiciatória ao trabalho, deixando com o seu misterioso desaparecimento, um desgarrar que me ajudou a melhor compreender um dos homens que mais amei.

V

Um último ponto quero aflorar nestas memórias, a juntar ao que, sempre com respeito e apazimento, escrevi do meu Mestre. Leite de Vasconcelos passava por forreta. De certo, na sua dura meninice, se privou do que lhe dava gosto, pensando no futuro que desejava poder assegurar à Mãe. Era capaz de arrancar com todo o cuidado um selo que estivesse a mais, e vinha a pé da Imprensa Nacional ao Rato, para poupar a diferença entre o eléctrico que passava em frente; de casa, como era sempre a descer, vinha a pé, tanto para fazer exercício como para poupar o bilhete; ensinava-me o mesmo processo, para me ficar mais barata a visita que quase todos os dias lhe fiz enquanto vivi em Lisboa.

Um dia descobri, e encantei-me a lê-lo, o livro de Silva Picão, *Através dos Campos*, que é a melhor iniciação à vida rural do Alentejo. Mostrei interesse em adquiri-lo e, a seu conselho, escrevi ao editor de Elvas, que me vendia o único exemplar da edição de luxo por cem mil réis: custava-me aproximadamente o preço de oito lições no colégio onde ensinava e hesitei. O meu Mestre perguntou-me se, por metade do preço, o compraria: à despedida deu-me um sobrescrito com cinquenta mil réis, não que lhe custasse fazer-me a oferta completa mas para me não privar de gastar algum dinheiro penosamente ganho num livro que me dava tanto gosto.

Até que um dia tive de declarar-lhe honestamente que, como leitor da Sorbonne, ganhava mais do que ele e guardasse a sua tão grande generosidade para quem precisaria mais do que eu!

VI

Senti passar em Coimbra o último ano da sua vida. O Conselho da Faculdade, onde ele era venerado como nunca o fora em Lisboa, onde uns tantos lhe punham

bitafes, teve não só a tocante atenção de se fazer representar no funeral por um discípulo dilecto, como de me encarregar de proferir, em nome da Faculdade onde ensinava, o discurso comemorativo do primeiro aniversário do seu passamento, conjuntamente com três professores de Lisboa. Até aí a mediocridade pôs restrições a uma obra ímpar da Ciência universal. Tive a satisfação, uma vez que me tocou ser o último a falar, de terminar com as palavras “o grande José Leite de Vasconcelos”, que proferi em som lento, solene e forte.

Um homem em corpo inteiro, na História da Ciência, não só em Portugal mas do Mundo, onde, sem o conhecerem ou fazendo de conta, se procura hoje uma unidade do humano, na história e na língua, na reconstituição do viver de milénios (há um verdadeiro entusiasmo juvenil pela Arqueologia), nos falares populares e nas raízes populares da literatura culta, no que o progresso vai rasoirando mas no renascimento do gosto dos localismos, tanto na vida dos campos como nos bairros populares das cidades de tradição.

Egas Moniz, numa escultura desastrada, fica à entrada do Hospital de Santa Maria, em lembrança do único prémio Nobel que coube a Portugal. Leite de Vasconcelos, ninguém o reconhecerá em um dos cinco mamarrachos do átrio da Faculdade de Letras onde só o busto de Teófilo Braga, “curiosa celebridade entre os que nada sabiam” (Vieira de Almeida) tem certa qualidade artística. Não deu o nome a nenhum arruamento universitário, perdido num bairro obscuro de Lisboa.

Era altura de se criar um *Instituto Nacional da Terra e do Homem*, a que deveria dar-se o nome do grande patrono, anexo ao *Museu ao Ar Livre*, que Jorge Dias imaginara nas faldas da Serra de Sintra, com casas construídas com canteiros e materiais das regiões de origem. Leite criou o *Museu Etnológico*, a que foi dado e depois tirado o seu nome (!!!) e que hoje mantém, renovada por jovens entusiastas e competentes, a parte de Arqueologia, mas amputado do conceito unitário. Em sessenta anos de vida científica, eu nem um Centro de Geografia consegui obter, sendo a instalação actual cheia de recantos perigosamente sujeitos à degradação, invadidos pelos ratos, com 50 pessoas onde tinham sido previstas 10 e onde o director honorário, revestido ultimamente das maiores distinções internacionais e até nacionais, tem de procurar na sua casa de aldeia salaio o espaço que lhe falta, o isolamento que carece e até o modesto lugar onde reunir-se com duas colaboradoras para prepararem as obras inéditas e reunirem as publicadas – modesta ajuda ratinhada, que levou cinco anos a conseguir do Instituto de Língua e Cultura Portuguesa.

Podia reconstituir-se um *Instituto de Etnologia*, ao mesmo tempo *Museu do Povo Português*, em torno deste *Museu Etnológico*, criado como anexo da Faculdade,

exornado do título prestigioso do fundador – *Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos* – que lhe escapou por completo, passou a chamar-se e em desejar ser um *Museu Nacional de Arqueologia*, sem enjeitar o pensamento do fundador de mostrar, através de colecções desigualmente ricas (as de Etnografia eram e continuam sendo as mais pobres), a unidade profunda do povo português, no passado e no presente.

Assim se desprezita entre nós o pensamento científico que se eleva acima de especialidades, hoje difíceis de cultivar pelo mesmo trabalhador do Espírito. Quando o que um grande homem de estudo não conseguiu realizar, menos o farão os grupos e grupelhos que propendem a conferir importância aos estudos que cultivam. O nome *Etnologia*, usado em todas as línguas românicas, passou entre nós a ser substituído por *Antropologia Cultural*, verdadeira mutilação do humano pelo repúdio do seu suporte biológico (*Antropologia Física*).

No Instituto de Filologia Românica, onde se reuniu a parte mais valiosa da biblioteca que legou à Faculdade, há uma boa ampliação dum dos seus retratos mais populares e uma vasta mesa para reuniões, mas não se respeitou a condição do testamento de que se indique “Legado do Dr. Leite de Vasconcelos”. A sala é ampla e permanece por muito tempo fechada e inacessível... pois ao contrário da Geografia onde as pessoas se empilham, o espaço sobra e a gente mingua. É ainda num dos quatro gabinetes de professores inicialmente aí previstos e executados (hoje serão umas 15 pessoas que aí se apinham), que se guardam os maços, pastas, verbetes que, à medida do aproveitamento deviam ser devolvidos à Academia das Ciências de Lisboa, onde não há sala para tal fim, ao *Museu Etnológico*, donde houve que retirá-los quando um director de denegregada memória quis impedir o aproveitamento deles, de que, por disposição testamentária, lhe cabia “a principal” parte, à Faculdade, onde, em vinte anos, participei numa reunião.

A sombra tutelar da maior figura da erudição portuguesa dilui-se em lugares que, ou já não conheceram a sua presença física ou fizeram por esquecê-la. Como a vida activa do estudo da língua se faz num vasto andar distante, a presença física de Leite quase se some. O nome de Leite de Vasconcelos não devia ter desaparecido da portada do *Museu do Povo Português*, estudado desde a mais remota pré-história até ao progresso que tão rapidamente elimina ou muda valores tradicionais, a que importa acudir antes que esta rasoira as apague.

É indispensável pensar na ampliação do Museu de Belém, incorporando nele o formidável espólio que Jorge Dias, prematuramente desaparecido, e o grupo que soube animar e a quem conseguiu meios de trabalho (à frente do qual se encontra Ernesto Veiga de Oliveira), se faça para a Etnografia o mesmo que para a Arqueologia: um inventário vivo do povo português. Perdido o Ultramar, é

estranhamente a Junta de Investigações Científicas que guarda e subsidia estudos hoje pela maior parte referentes à Metrópole. Sem sobreposição nem atropelo, pois Jorge Dias elaborou duas monografias, uma delas de aldeias e, ele e o seu grupo, desde o estudo dos arados, têm procurado levantar a casa rural, as alfaias agrícolas, as artes de pesca, a apanha do sargaço para fertilizar o campo, os carros e os barcos, e a Manuel Viegas Guerreiro e o seu grupo se deve a publicação póstuma de sete volumes da *Etnografia Portuguesa*, segundo o plano, elaborado com tanto rasgo, minúcia e rigor pelo Mestre, e outros sete volumes destas novidades.

Este é o *Doutor Leite da História*, de que ele próprio escreveu a do *Museu Etnológico*, com algumas amargas páginas de uma sindicância em que se viu envolvido.

O *José Leite da Lenda* aparece-nos grave e distante como os deuses lusitanos que descobriu e adorou, com quem conviveu e que hoje lhe propiciam o destino para além do efémero da vida, dos seus anseios, dos seus êxitos e tacteios, na duração de uma obra que ele desejou tornar uma parte perene de conhecimento e não um serzido de brilhantes generalizações, a par com a Ciência europeia do melhor quilate na época, mas antecipando-se às suas orientações mais actuais – na profunda unidade de tudo o que é humano, no “presente que provém do passado” e no passado que a novidade aparatosa tantas vezes deixa transparecer.

José Leite de Vasconcelos merecia três monumentos, dois de papel, outro de tosco granito da sua terra. Um *Vade mecum*, como se fez para H. Schuchardt, das suas páginas científicas de maior valor metodológico e que mais perspectivas abrem para novas pesquisas; uma *Vida e Obra* contada com singeleza às crianças e ao povo de letras gordas, largamente forrageando nos seus escritos, romances e canções, contos e lendas, provérbios e adivinhas e até coloridos retratos, como o moleiro Elias, descalço, abordado a um pau, “discursando horas como um filósofo grego”, a tia Miquelina de Goulães, velhinha muito viva e alegre, parteira e sabedora de remédios caseiros, a moçoila Margarida Rosa, de Guimarães que, enquanto lavava num tanque, fazia jorrar torrentes de cantigas ao lenço, ao anel, ao cabelo, de que o jovem Leite, encantado na ciência e no convívio, enchia apressadamente cadernos, revendo-se na juventude da sua informadora.

Assim se instrui e deleita o povo, se lhe dá a consciência da dignidade pessoal, que para isso não carece da força dos sindicatos, do tropel dos tumultos ou de arrebanhamento em partidos políticos, sementeira de dissensões, de discórdias e até de ódios. Creio que foi a intenção, ainda “leiteana”, de Manuel Viegas Guerreiro, na excelente monografia da aldeia barroca e fronteira de *Pitões de Júnias* (1981), onde, guardando o devido rigor científico, pretendeu e conseguiu

escrever, num estilo chão e aprazível, que a gente da terra possa ler ou ouvir ler – caso único e plenamente conseguido entre tantas monografias locais de que a nossa literatura, abundante há mais de um século, hoje está produzindo nem sempre com o melhor critério e a devida preparação.

Mas alguma coisa mais eu antevejo com os olhos do espírito de que se apagam lentamente os últimos fulgores. Em frente do edifício da Reitoria da Universidade de que foi mestre de excepcional envergadura, num pedestal de tosco granito e não uma figura enroupada no traje académico, mas um velho meão mas desempenado, de cabeça coberta e barba intonsa, de chapéu de viagem, abordado ao bastão de jornada, mostrando aos novos – ele, eterno caminheiro – os rumos científicos da “boa Terra Lusitana”, de que esclareceu as origens nas pedras incompletas, na língua como expressão da vida colectiva, na multiplicidade dos textos e dos falares rústicos, sobre o pedaço de terra que nos coube neste fim da Europa, onde o povo, considerado no conjunto das classes da Nação, afirmou o seu direito de ser livre, de pensar e sentir a seu modo e a seu jeito e até contribuir, com as luzes de Espíritos de que o Mestre foi o mais poderoso e operoso para o progresso geral do conhecimento humano. Só assim a lenda de José Leite de Vasconcelos se consagrará na História, a que há mais de um século ofereceu as primícias do seu pensamento.

Vaux-sur-Lunain, 4 de Agosto de 1984